RODRIGUÉSIA

ANO VI — N. 15 — JUNHO — 1942

BARBOSA RODRIGUES-NATURALISTA BRASILEIRO

POR

W. DUARTE DE BARROS

Agrônomo do S. F.

Nenhum lugar no Brasil tem atraido tanto os naturalistas como a Amazônia; com efeito, para essa opulenta região, cujos limites geográficos não estão ainda exatamente precisados ("Il est encore impossible de fixer avec exactitude les limites de l'"hylaea", cette immense région de la forêt équatoriale de l'Amérique du Sud dont l'Amazonie et les Guyanes sont les éléments géographiques prépondérants") teem-se dirigido os mais ousados e capazes caçadores ou observadores da natureza.

Sábios botânicos, zoólogos, eruditos, geólogos e etnólogos do mais profundo saber, experimentados engenheiros e geógrafos, formam legião audaciosa de cientistas que até alí teem ido à procura de novidade. HUMBOLDT e BOMPLAND, esse extraordinário ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, MARTIUS e SPIX, HARTT e KRATZER, BATES, WALLACE, COUDREAU, AGASSIZ, SPRUCE, ULEI, BURCHELL, GRÜNBERG e NATTERERER, e o contingente do Museu Paraense — HUBER, GOELDI, SNETHLAGE, para somente, apontar os já desaparecidos, são alguns dos membros dessa coluna pioneira que, por amor à ciência, transpuseram em sentidos desencontrados e rumos opostos as terras do grande vale. Mas, a de tal maneira diversa, rica e exagerada em particularidade, *hylaea,* não foi, jamais, rigorosamente devassada pela curiosidade dos sábios e exposta aos olhos estudiosos; é certo mesmo que o seu completo conhecimento demandará ainda decênios de trabalho minucioso. Tambem não a interpretaram, explicando no conciso termo do interesse científico a enorme planície aluvional, dentro que seja do restrito ângulo da especialidade, esses exploradores; EUCLIDES DA

CUNHA — que penetrou ansioso na Amazônia — definiu-os numa expressão breve: — *geniais escrevedores de monografias.* E, explanando essa frase de força matemática, rematou com maior vigor: *A literatura científica amazônica, amplíssima, reflete bem a fisiografia amazônica: é surpreendente, preciosíssima, desconexa.*

Quando, em 1871, iniciou seus estudos da Amazônia, BARBOSA RODRIGUES penetrou na história da conquista do rio e se alistou ao lado dos maiores nomes que o tinham reconhecido. Esse foi o ingresso predestinado de um dos cultores mais fortes das ciências naturais, no Brasil.

Desviando da engenharia, em que se graduara pela Escola Central do Império, o rumo de sua atividade, JOÃO BARBOSA RODRIGUES o fez para viver a existência de naturalista. Não há dúvida que esse filho do planalto de Minas Gerais carregava o destino de se tornar o brasileiro que mais completos e vastos conhecimentos botânicos abrangeria, entre nós, em seu tempo; — culto, incansavel estudioso, observador constante, com o sensivel espírito de explorador em contínua movimentação, ele poude realizar uma grande aventura; realizou-a com vontade e energia.

Iniciado em Botânica por FREIRE ALEMÃO, orientador de propriedade indiscutivel e botânico, dos grandes do país, desde 1868, começou BARBOSA RODRIGUES a viajar, percorrendo primeiramente as províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, passando-se, em seguida, para a Amazônia, onde permaneceu, a primeira vez que foi, pouco mais de três anos. Ao fim de sua vida, tinha viajado por nada menos de doze de nossos Estados e explorado, em estudos, os territórios do Paraguai e do Uruguai. Interessado e dedicado a duas outras ciências — a geografia e a etnologia — entendeu o naturalista que lhe era indispensavel por-se diretamente no seio da naturêza, para melhor compreender os seus fenômenos e maior exatidão emprestar aos estudos que, sobre esses três ramos do saber humano, pretendia fazer. Como viajante e explorador, ele se aproximou de todos os que, com maior tenacidade e desprendimento, se puserem nessas empresas.

Reconhecendo vales, conquistando índios, observando-lhes os costumes ou estudando-lhes a língua, tentando, ainda, alcançar a que ponto havia chegado o seu grau de civilização; coletando plantas depois de as ter visto em meio próprio, reunindo dados para seus trabalhos, o naturalista percorreu as terras de nosso planalto central, as montanhas da costa, a natureza única do Nordeste, os vastos campos e os pantanais do extremo

oeste, assim como, o vale extraordinário do rio-mar, fazendo aí excelente trabalho de exploração, no qual não lhe tem superado outro naturalista, remexendo as terras dos rios Capim, Tocantins, Tapajoz, Xingú, Trombetas, Jamundá, Iauaperí, Uatuman, Jatapú, Urubú, Juruá, Negro, Purús, Ucaiale, Javarí, Solimões, abastecedores do Amazonas. Algumas dessas artérias são dificilmente acessiveis, como "le Yauapery, l'Urubú, le Jamundá et le Trombetas," afirma DUCKE.

O vigoroso documentário e a experiência das viagens, eficientes auxiliares para o estudioso, originaram trabalhos científicos novos, de repercussão internacional. Arrastado para a particularização do estudo, deixou-se BARBOSA RODRIGUES interessar mais precisamente por duas famílias que julgou não serem bem conhecidas, embora, para uma delas, tivesse voltado a sua vista o nunca bem adjetivado MARTIUS. Com as palmeiras e com as orquídeas, construiu o nosso naturalista a máxima obra de sua vida profissional.

Rude para o elogio e não gostando de firmá-lo, H. VON IHERING declarou que apreciava mais o *Sertum Palmarum Brasiliensium* que a monografia composta por DRUDE, para a *Flora Brasiliensis.* Dois grandes volumes, contendo 174 aquarelas da lavra do autor do texto, formam o *Sertum*, no qual, das 382 espécies de palmeiras tratadas, 166 foram descobertas e estudadas por BARBOSA RODRIGUES.

O capítulo das orquídeas, na Flora de MARTIUS, foi enriquecido superiormente pela contribuição do botânico brasileiro. COGNIAUX, mais feliz que os seus antecessores, na elaboração do estudo dessa grande família, de que estiveram encarregados pelo menos quatro botânicos, recebeu o auxílio que, tambem, três de seus colegas solicitaram, reclamado de BARBOSA RODRIGUES. Já em 1885, EICHLER dissera ao botânico brasileiro, numa carta de janeiro desse ano, que, em vista das recusas que tinha feito para ceder o seu material ao monógrafo, seria ele responsabilizado pela demora no lançamento do final da obra de MARTIUS; é que, realmente, estava em poder do então diretor do Jardim Botânico do Rio, precioso material, rico e indispensavel, para um trabalho de vulto e atualizado sobre as orquídeas do Brasil. Entre 1795 espécies, arroladas por COGNIAUX, 375 foram descritas por BARBOSA RODRIGUES; esse número, posteriormente, ascenderia a 538, computadas as novas descobertas e algumas espécies que foram para a sinonímia; dos 142 gêneros da monografia, 46 são de LINDLEY, 16 de REICHENBACH (filho), 7 de BARBOSA RODRIGUES e, os demais, de outros botânicos; 267 desenhos publicados foram

feitos por BARBOSA RODRIGUES, enquanto que os restantes 105 são de outros desenhistas.

De feitio indagador, estudou ainda BARBOSA RODRIGUES diversas outras famílias e delas descreveu inúmeras espécies novas. Foram as *Myrtaceae*, porem, depois daquelas que mereceram o seu carinho especial, as que detiveram com maior interesse sua atenção; com o material dessa família, proveniente do Paraguai, publicou um volume. Incansavel e fecundo, foi autor de uma enorme literatura científica de mais de 60 trabalhos, nos quais fixou a sua capacidade. Uma atividade tão variada teria, naturalmente, os seus senões; e isso o arrastou ao terreno da polêmica; manteve-se nele, entretanto, com o equilíbrio e a altaneria, que o seu talento polimorfo lhe permitia desfrutar. Em torno do *Curare* entreteve discussão com J. B. LACERDA e publicou, em francês, magnifico estudo em que, ao lado das experiências que conduziu na pesquisa e explicação desse quasi lendário tema, narra com leveza e vivacidade a vida — usos e costumes — de algumas tribus amazônicas; por motivos arqueológicos enfrentou LADISLAU NETTO, e, por questões de Botânica, traçou algumas páginas contestando o inolvidavel e distinguido JACQUES HUBER. Todos esses fatos, entretanto, só o indicam como um preocupado, cujo estudo não seria, sem forte contra-objeção, empurrado para o plano da discussão em público.

Há na vida do grande naturalista uma fase que merece rememoração nesta hora nacional de seu centenário: — é o período que corresponde à atividade que desenvolveu, quando para o extremo-norte se dirigiu, afim de organizar e administrar o Museu Botânico do Amazonas, fundado em junho de 1883.

Inicialmente bem orientado, o Museu Botânico durou pouco mais de sete anos; essa tão curta existência da instituição foi maculada por atos minúsculos e por obscuros intuitos de homens incapazes de alcançarem a finalidade de um estabelecimento científico dessa ordem. Enquanto que, atravessando crises severas, várias ocasiões, o Museu Paraense sobreviveu para assegurar o enorme sulco que, na ciência, gravaram os que sondaram e estudaram o vale sob sua égide, o Museu Amazonense desapareceu no primeiro embate grave, sem mesmo lhe ter sido possivel manter-se à sombra do nome de seu primeiro e único diretor.

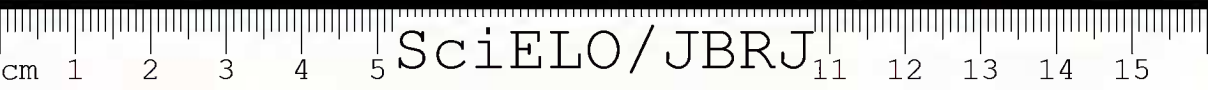
O plano da atividade do Museu do Amazonas foi por BARBOSA RODRIGUES traçado: — o estudo da flora, dos pontos de vista sistemático, econômico e biológico; a organização do herbário e o conhecimento conse-

quente da propriedade do material reunido, bem como, o exame de sua utilidade; a publicação de uma revista que, preferentemente, tivesse os seus artigos escritos em francês, e, mais tarde, entrou em cogitação a coleta de material etnológico. Com a retirada do sábio, nomeado em 25 de abril de 1890; para dirigir o Jardim Botânico do Rio, cessou a existência, dificilmente arrastada, do Museu Botânico do Amazonas.

O Museu do Amazonas chegou a contar com um acervo consideravel. O seu herbário tinha mais de 10.000 números de plantas coletadas; a secção etnológica possuia 1.260 objetos provindos de mais de meia centena de tribus amazônicas; e, realizada a primeira exposição de História do Amazonas, em 1886, havia publicado o resultado das pesquisas de seu real e único trabalhador. Pela unidade de sua forma, avulta a revista científica *Vellosia;* verdadeiro arquivo, nela foram dadas à publicidade as *"Contribuições do Museu Botânico do Amazonas";* quatro números foram distribuidos — o 1.º contem descrições botânicas de plantas novas, o 2.º consiste de estudos etnológicos e zoológicos, o 3.º traz estampas desenhadas por BARBOSA RODRIGUES, referentes às plantas tratadas no primeiro volume, e o 4.º é de fotos e desenhos de natureza arqueo-paleontológica, explicativas do segundo volume.

Aos 6 de março de 1909, o filho de honrado comerciante de Minas Gerais, e que tinha visto o dia a 22 de junho de 1842, no ano fragoroso para o Império, faleceu. Os sessenta e sete anos que viveu BARBOSA RODRIGUES foram soberba e elegantemente vividos; a existência que teve constituiu verdadeira viagem de peregrinação e cultura. Na bibliografia que deixou versa a botânica, a arqueologia, a etnologia, a zoologia e a geografia com apreciavel e equilibrado senso. Alcançou a mais ambicionada notoriedade profissional e se elevou a um posto de dignidade cultural, raras vezes alcançado.

A morte o colheu à testa do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, onde empreendia com força a tarefa que lhe puseram em mão. As *Contributions du Jardin Botanique,* as *Palmae Novae,* as *Plantas novas,* os numerosos relatórios sobre assuntos de organização e botânica, as pequenas notas de biologia, e, sobretudo, o excelente *Hortus Fluminensis,* guia ameno, instrutivo e prático, escrito com clareza pedagógica e acrescido de um histórico do Jardim Botânico, indicam o trabalhador e os cometimentos que pretendia fazer.

Modelo de tenacidade e de saber, homem que tivera a graça de ver o seu talento aumentado com a colaboração que a experiência trouxera, o

sábio, que escreveu poesias e prosa literária na juventude, merece uma biografia forte e profunda. Uma história cheia de páginas límpidas e emocionantes, onde se dê relevo às viagens pelos rios perigosos, ao palmilhar pelas matas grandiosas e pelos campos sem fim, à obra de catequese que realizou, às lutas e aos dissabores, à esposa cooperadora e corajosa, aos momentos de vitória, aos prêmios conseguidos e, sobretudo, com uma força de colorido enérgico e belo, o conjunto da grande obra de naturalista que realizou.

Creio que, para tal biografia de sólido vigor nacionalista, o biógrafo achará um prólogo magnífico nesta sentença concisa de IHERING: "BARBOSA RODRIGUES é, sem dúvida, a figura mais proeminente entre os naturalistas que nasceram no Brasil. Comparavel ao seu grande colega MARTIUS, ele ocupou-se, com igual sucesso, da botânica, da etnografia e da arqueologia do país". Eis, resumindo, o perfil do culto brasileiro.